

Geração sem emprego fixo

Uma das graves consequências da recessão é o desenvolvimento acelerado da economia informal. Mais da metade da força de trabalho no Brasil já está na informalidade – exercendo sua atividade sem carteira assinada, ou como empresários, sem legalização. O número desenha uma realidade em que poucos podem aspirar por empregos formais. Em breve, dizem especialistas, haverá no país toda uma geração que jamais teve acesso a um emprego com estabilidade, dependentes dos serviços públicos ainda insuficientes.

“Há um descompasso entre a esperança e a realidade. Na economia atual, uma vez que perdem o emprego formal, os trabalhadores não conseguem mais voltar. Antes se via a economia informal como um pulmão que enchia e esvaziava, mas hoje as pessoas estão lá e não têm mais para aonde ir”, analisa o professor Rogério Valle, do Programa de Engenharia de Produção da Coordenação de Pós-graduação e Pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppe/UFRJ).

O incentivo às exportações, anunciado pelo governo federal como um dos meios para retomar a criação de empregos, pode não ter o efeito esperado. Segundo Rogério Valle, “há alguns anos houve uma mudança profunda nas empresas, tecnológica e produtiva”. Por isso, diz, “hoje é mais fácil reagir à demanda”. Ainda que haja retomada no desenvolvimento, portanto, “não vai haver geração de empregos”. Mesmo no setor têxtil, que tenta exportar, e nas empresas privatizadas do setor siderúrgico – que deram lucro num primeiro momento – há um endividamento. Segundo o Valle, as tentativas serão insuficientes para criar novos empregos.

As perspectivas não são boas para os trabalhadores, mas está no próprio setor informal uma possível solução para a crise de empregos. “Ou a economia informal evolui para uma coisa mais séria, ou haverá uma situação mais difícil. Ninguém acredita mais no setor de serviços”, sugere o professor. (L.F.)